

# POSTERGAMENTO E TRANSVASAMENTO NAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE *A RELÍQUIA* DE EÇA DE QUEIRÓS: EM CAUSA UMA ESTÉTICA DA IRONIA.

NEGLECTION AND TRANSFERENCE IN THE ITALIAN TRANSLATIONS OF *THE RELIC* BY EÇA DE QUEIRÓS: AN AESTHETIC OF IRONY IN QUESTION.

POSTERGAMIENTO Y TRASVASE EN LAS TRADUCCIONES ITALIANAS DE *A RELIQUIA* DE EÇA DE QUEIRÓS: EN CAUSA UNA ESTÉTICA DE LA IRONÍA.

Duarte Pinheiro (dpinheiro@instituto-camoes.mne.pt)\*

## RESUMO:

Os neologismos da linguagem queirosiana são o ponto de partida para uma análise cuidada das traduções italianas de *A Relíquia*. Paolo Silenziario e Amina di Munno são os autores dessas traduções, que, apesar de divergirem entre si no tempo, são surpreendentemente convergentes sob o ponto de vista ideológico-morfológico. Veremos, entre outros aspetos linguísticos, como a igual opção dos tradutores em não traduzir os neologismos da prosa de Eça pode colocar em causa o total entendimento da obra, sobretudo no que toca às personagens Topsisius e Filomena Raposo, e tornar diluída toda uma estética da ironia, imagem de marca do grande mestre do Realismo português.

**Palavras-chave:** traduções italianas de *A Relíquia*, neologismo, Eça de Queirós, postergamento, transvasamento.

## ABSTRACT:

The neologisms in the language of Eça de Queirós represent the starting point for a careful analysis of the Italian translations of *The Relic*. Paolo Silenziario and Amina di Munno are the authors of these translations, which, despite diverging from each other in time, are surprisingly convergent from an ideological and morphological point of view. We will see, among other aspects of language, that the option of not translating the neologisms in the prose of Eça may call into question the entire understanding of the author's work, especially as regards the characters of Topsisius and Filomena Raposo, and

dilute the whole aesthetic of irony, trademark of this great master of Portuguese Realism.

**Keywords:** italian translations of *The Relic*, neologism, Eça de Queirós, neglection, transference.

## RESUMEN:

Los neologismos de lengua queirosiana son el punto de partida de un análisis cuidadoso de las traducciones italianas de *La Reliquia*. Paolo di Munno Silenziario y Amina son los autores de estas traducciones, que, aunque diferentes entre sí en el tiempo, son sorprendentemente convergentes ideológica e morfológicamente. Observaremos entre otros aspectos lingüísticos, como la misma opción del traductor no traducir los neologismos de la prosa de Eca puede poner en peligro toda la comprensión de la obra, sobre todo por lo que se refiere a los personajes Topsisus y Filomena Raposo, y diluir toda una estética de ironía, señal de identidad del gran maestro del realismo portugués.

**Palabras clave:** Traducciones italianas de *La Reliquia*, neologismo Eça de Queirós, postergación, decantación.

\* Duarte Pinheiro é atualmente tradutor e foi docente do Instituto Camões nas Universidades de Áquila e de Salerno e colaborador do Instituto Português de Santo António (Ministério dos Negócios Estrangeiros) em Roma. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas variante Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade de Coimbra e doutorou-se pela Universidade Fernando Pessoa em Teoria da Literatura com uma tese sobre Ana Teresa Pereira. Português, Inglês e Italiano são o seu objeto de trabalho e estudo.

Submitted: 4<sup>th</sup> July 2013

Accepted: 20<sup>th</sup> February 2014

"Language is the dress of thought"

Samuel Johnson

## 1. DO POSTERGAMENTO AO TRANSVASAMENTO, DESVIOS MORFOLÓGICOS NAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE *A RELÍQUIA* RELATIVAMENTE AO ORIGINAL QUEIROSIANO.

A omissão nas traduções italianas de *A Relíquia* dos vários neologismos da linguagem de Eça foi o que me motivou a escrever o presente artigo. Diga-se que foi esse o ponto de partida para uma análise mais ampla e dissecada quer do romance queirosiano em si, quer das traduções italianas desse elaboradas.

"Publicada em folhetins na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, entre 24-4-1887 e 10-6-1887" (Matos 1988, p. 552), e em volume ainda nesse mesmo ano, *A Relíquia* conheceu, em língua italiana e editorialmente, três traduções. A primeira, editada em dois volumes em 1913, é da autoria de Paolo Silenziario e contém uma nota introdutória de Luigi Siciliani. É, aliás, nas palavras de Maria Grazia Russo, a primeira, porém tardia, de todas as traduções italianas da obra de Eça: "as traduções queirosianas, se se excluir a carta de 1895 (Luigi de Camoens / Poemetto con una Lettera di Eça de Queiroz), Tip. Dell'Istituto Sordomuti, Genova 1895, tradução do literato, jornalista e poeta calabrês Giuseppe Zuppone-Strani), traduzida quando o autor era ainda vivo, são efetuadas a partir de 1913, ou seja, 13 anos apenas após a sua morte<sup>36</sup>" (Russo 2007, p. 128). Esta primeira tradução teve quatro edições - a última das quais em 1944 - e é a única que possui o "Prólogo de Teodorico Raposo", narrador e protagonista da história. É preciso avançar então até 1955 para ler uma segunda tradução parcial d'*A Relíquia*, aquela de P. A. Jannini<sup>37</sup>. Trata-se, na verdade, da tradução de um pequeno fragmento do romance queirosiano, que, quando comparada com as restantes traduções, se afigura irrelevante, não pela qualidade mas pela extensão. Serão precisos mais trinta e três anos para que *A Relíquia* volte a ser traduzida em língua italiana

<sup>36</sup> No original: "le traduzioni queirosiane, se si esclude la lettera del 1895 (*Luigi de Camoens / Poemetto con una Lettera di Eça de Queiroz*, Tip. Dell'Istituto Sordomuti, Genova 1895, traduzione del letterato, giornalista e poeta calabro Giuseppe Zuppone-Strani), tradotta quando l'autore era ancora in vita, vengono effettuate a partire dal 1913, ossia solo 13 anni dopo la sua morte." (Russo, 2007: 128).

<sup>37</sup> Eça de Queirós, *La reliquia*, (a cura di P. A. Jannini) in *Pagine della Letteratura Portoghese*, Nuova Accademia Editrice, Milano 1955, pp. 285-289.

pela mão de Amina di Munno<sup>38</sup>. Sob o ponto de vista editorial, é de notar antes de mais que esta tradução tem algumas particularidades relativamente às anteriores. Cinjo-me, por enquanto, àquelas mais evidentes. Faz parte de uma coletânea intitulada “Classici del Ridere”; foi, ao contrário das demais, elaborada por uma falante de língua materna portuguesa; foi publicada num volume apenas; e é a mais recente que o leitor tem à sua disposição, não obstante um quarto de século de existência. À semelhança da de Paolo Silenziario, contém uma nota introdutória redigida pela própria tradutora, mas por outro lado é elítica no que diz respeito ao ‘Prólogo de Teodorico Raposo’, provavelmente por questões ou escolhas editoriais. Não existe qualquer texto da personagem protagonista que explique o porquê de “...compór, nos vagares deste Verão, na minha quinta do mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha vida” (Queiroz 1980, V), omissão indesculpável sobretudo se o destinatário do texto, o leitor, estiver interessado na mudança material e moral desta personagem. Todavia, a famosa epígrafe queirosiana de *A Reliquia* (“Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”), que dá o mote à leitura, foi traduzida quer por Amina di Munno (“Sulla nudità intensa del reale, il manto diáfano della fantasia”), quer por Paolo Silenziario (“Sopra la nudezza forte della Verità – il velo diáfano della Fantasia”).

De facto, comecei este artigo com a palavra ‘omissão’, referindo-me então à estilística do escritor poveiro, em concreto, aos neologismos presentes no original, mas ausentes nas traduções italianas do mesmo. A título de exemplo, veja-se a irónica descrição do douto Topsisius – companheiro de viagem de Raposo à Terra Santa – aquando da visita a Jericó:

“Cedo, ao outro domingo, o incansável Topsisius partiu, bem *enlapisado* e bem *enguarda-solado*<sup>39</sup>, a estudar as ruínas de Jericó, essa velha cidade das palmeiras que Herodes cobrira de termas, de templos, de jardins, de estátuas, e onde passaram os seus tortuosos amores com Cleópatra...” (Queiroz 1980, p. 120)

E “A respeito do neologismo queiroziano há que dizer que sempre se mantém dentro da genética e da fisiologia potencial do idioma”, [sendo] “inovações morfológicas (...) [que] tendem a suscitar efeitos cómicos ou de expressivo pitoresco, que revitalizam formas já gastas de dizer; outras servem para veicular matizes de percepção difíceis de traduzir nos termos existentes.” (Guerra da Cal 1981, p.

<sup>38</sup> Eça de Queirós, *La reliquia*, (a cura di Amina di Munno), Classici del Ridere., Lucarini Editore, Roma 1988.

<sup>39</sup> Marcação em itálico e negrito minha.

110). A nível da formação morfológica, Guerra da Cal afirma que o “O neologismo morfológico de Eça manifesta-se em todas as categorias gramaticais que convencionamos chamar palavras-ideias” (Guerra da Cal 1981, p. 111), podendo a sua formação assentar fundamentalmente em dois processos: na “transposição de um conceito comumente empregue numa dessas categorias gramaticais para outra, cujo uso relativamente a esse conceito não está sancionado pelos hábitos do idioma”, ou “na aplicação de certos prefixos e sufixos a vocábulos que pelo seu próprio sentido não os toleram, em busca de um efeito de contraste, pela associação mental com palavras de significação muito diversa às que correntemente esses prefixos se ligam.” (Guerra da Cal 1981, p. 111).

Os neologismos evidenciados no excerto acima transcrito seguem o segundo processo de formação identificado por Ernesto Guerra da Cal. A palavra “enlapisado”, adjetivo formado por derivação a partir do substantivo ‘lápiz’, transmite a ideia de um Tópsius inutilmente apetrechado com lápis, de um intelectual carregado com uma parafernália de material de estudo; por sua vez, “enguarda-solado”, adjetivo formado por idêntico processo, tendo por base a palavra composta ‘guarda-sol’, demonstra a exagerada preocupação de Tópsius em se proteger do sol, a fragilidade de um germânico de tez clara que se fazia acompanhar sempre de um guarda-sol, como documenta Teodorico Raposo: “Quando me voltei, Tópsius, à sombra do seu guarda-sol, conversava com o homem prestante que foi nosso guia através das terras da Escritura” (Queirós 1980, p. 90). A ironia na descrição humorística e pitoresca desta personagem secundária é enfatizada pelo advérbio ‘bem’, que precede os adjetivos.

Ora, quer na tradução de Amina di Munno, quer na de Paolo Silenziario, a descrição caricatural de Tópsius é pouco acentuada, plana, pois a dupla adjetivação ou adjetivação binária da frase original é dissolvida, dando lugar a uma frase carregada de substantivos, perifrástica, quando a intenção de Eça na criação de neologismos seria precisamente a contrária, “a redução de perifrases, que de outro modo seriam inevitáveis” (Guerra da Cal 1981, p. 111):

“Il giorno seguente, domenica, l’infaticabile Tópsius partì presto, *munito di matite e di parasole* per andare a studiare le rovine di Gerico, la vecchia città delle Palme che Erode aveva riempito di terme, di templi, di giardini, di statue, e dove s’erano svolti i suoi tortuosi amori con Cleopatra...” (Queirós 1913, Vol. I, p. 128)

“L’indomani, domenica, di prima mattina, l’infaticabile Tópsius partì, *con il suo parasole e una scorta di matite*, per andare a studiare le rovine di Gerico, quella vecchia città ricca di palme che Erode aveva fatto riempire di terme, di templi, di giardini, di

statue, e dove visse i suoi travagliati amori con Cleopatra.”  
(Queirós 1988, p. 93)

Relativamente ao texto original, poderia talvez falar-se numa menor quantidade de resíduo verbal na tradução de *Silenzioso*, na qual “munito” dá ideia de uma certa militarização e rigidez inerentes à personagem. Todavia, perde-se em ambas as traduções o tom judicativo e cómico adotado pelo narrador da história e, como tal, o leitor de língua italiana não desfruta de uma das características essenciais da estilística queirosiana, a ironia. Sob esta perspetiva, o confronto temático<sup>40</sup> que Teodorico Raposo e Topsisius veiculam poderá não ser inteiramente percecionado: portugalidade versus germanicidade, decadência versus progresso. Destarte, não se tem o total acesso, nas palavras de Carlos Reis, à “ironia como visão do mundo, ela funciona como elemento representacional estruturante que tempera a agressividade do realismo (v.) crítico e instaura o cenário de uma dualidade.” (Reis 2009, p. 215).

## 2. EM CAUSA UMA “ESTÉTICA DA IRONIA”

Efetivamente, em *A Relíquia*, a função representacional da realidade atribuída à ironia é por demais expressiva, sobretudo quando estão em causa descrições das diferentes personagens. A recorrência à adjetivação é então, como vimos, o artifício estilístico queirosiano usado. Veja-se, por exemplo, como nos é descrita a avó paterna de Teodorico, Filomena Raposo, pelo próprio:

“Meu avô foi *o padre Rufino da Conceição*, licenciado em Teologia, autor de uma devota Vida de Santa Filomena, e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afilhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo – e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por alcunha a “*Repolhuda*”, doceira na Rua do Lagar dos Dízimos. O papá

---

<sup>40</sup> Além do confronto temático protagonizado por estas duas personagens, Topsisius e Teodorico colocam também em evidência, nas palavras de Maria Helena Santana, diferentes realidades temporais da história: “Ao longo da narração, passado e presente implicam-se formal e semanticamente, num processo de múltiplos efeitos humorísticos. Desde logo a coexistência de personagens de épocas diferentes dá lugar ao jogo irónico, hoje vulgarizado, do anacronismo. Teodorico e Topsisius, seu companheiro de jornada, vivem literalmente em dois tempos – o tempo de Cristo e o da sua existência “real”; as constantes alusões a episódios vividos pelo narrador introduzem contrastes violentos numa peregrinação já por si burlesca e profanatória: no cenário histórico da Paixão, Teodorico fuma o controverso cigarro do cepticismo moderno e Topsisius comenta os factos com a erudição dum sábio oitocentista.” (Maria Helena Santana, “Topsisius, Teodorico e Fradique: os usos modernos da religião”, ‘Colóquios Internacionais de Tormes’ *Os Estudos Queirosianos – Desafios Actuais*, Fundação Eça de Queirós, Tormes, 3-5 de Dezembro de 2009).

tinha um emprego no correio, e escrevia *por gosto* no Farol do Alentejo. Em 1853, um eclesiástico lustre, *D. Gaspar de Lorena*, bispo de Corazim (que é em Galileia), veio passar o São João a Évora, a casa do Cónego Pita, onde o papá muitas vezes à noite costumava ir tocar *violão*<sup>41</sup>.” (Queiroz 1980, p. 1)

“Repolhuda”, adjetivo que sugere as formas redondas de Filomena Raposo e se insere numa linguagem pitoresca, foi cunhado nas traduções de *A Relíquia* em diversas formas. Por exemplo, Aubrey F. G. Bell, autor da primeira tradução inglesa do romance publicada nos Estados Unidos e que foi recentemente reeditada e prefaciada por Harold Bloom, opta por deixar em maiúsculas o étimo português – “Filomena Raposo, nicknamed the Repolhuda, a confectioner in the street of the Lagar dos Dizimos” (Queirós 2012, p. 5) – enquanto Margaret Jull Costa, autora da última tradução inglesa de *A Relíquia* publicada no Reino Unido, prefere traduzir “a Repolhuda” por um sugestivo “the Dumpling”<sup>42</sup> (bolinho de massa cozido). E se desde as primeiras edições castelhanas do romance<sup>43</sup> “repolhuda” foi traduzida pela correspondente “repolluda”, o adjetivo parece ter fortunas diferentes nas traduções de Amina di Munno, que à semelhança de Aubrey F. G. Bell deixa em itálico o étimo português, e de Paolo Silenziario, que simplesmente a omite. Senão veja-se:

“Mio nonno fu *il padre Rufino della Concezione*, dottore in teologia, autore di una devota vita di Santa Filomena, e priore di Amendoeirinha. Mio padre, affigliato della Madonna dell'Assunzione, si chiamava Rufino Raposo, e viveva in Evora con *mia nonna, Filomena Raposo*. Aveva un impiego, e scriveva *per suo gusto* nel Faro dell'Alentejo. Nel 1853 un ecclesiastico illustre, *D. Gaspare di Lorena*, vescovo di Chorazin in Galilea, venne a passare la festa di S. Giovanni ad Evora, in casa del canonico Pitta, dove mio padre molte volte andava la sera a sonare il *violino*. (Queiroz 1913, p. 25)

“Mio nonno era *padre Rufino da Conceição*, laureato in teologia, autore di una pia Vita di santa Filomena e priore di Amendoeirinha. Mio padre, figlioccio di Nostra Signora dell'Assunzione, si chiamava Rufino da Assunção Raposo e

<sup>41</sup> Marcação em itálico e negrito minha.

<sup>42</sup> No original: “Filomena Raposo, nicknamed ‘the Dumpling’, a confectioner who lived in Rua do Lagar dos Dizimos.” Eça de Queiroz, *The Relic*, (translated by Margaret Jull Costa), Dedalus Ltd., United Kingdom, 1994: 11.

<sup>43</sup> Sobre as primeiras traduções queirozianas em solo espanhol consultar o artigo de Eduardo Mayone Dias, “De como Eça foi assassinado em Espanha: as primeiras traduções queirozianas”, *Revista Colóquio/Letras*, n.º 121/122, Jul. 1991, pp. 131-141, e ainda o de Vera Maria Monteiro de Souza Rios, “Traduções da Obra de Eça de Queirós na Espanha”, *Interação*, Revista Científica da Faculdade das Américas, Ano III, número 1, 2009 (disponível em: <http://www.fam2011.com.br/site/revista/pdf/Ed4/art1.pdf>).

abitava a Évora com mia nonna, Filomena Raposo, soprannominata *Repolhuda*, pasticciera in Rua do Lagar dos Dízimos. Mio padre era impiegato all'ufficio postale e *scriveva per hobby* sul Farol do Alentejo.

Nel 1853, un prelado illustre, *Don Gaspar de Lorena*, vescovo di Corazin (che è in Galilea), era venuto a passare il San Giovanni a Évora, in casa del canonico Pita, dove mio padre spesso la sera andava a suonare *la chitarra*." (Queirós 1988, p. 13)

Com efeito, e no que diz respeito ao original e à tradução de Amina di Munno, o texto traduzido por Paolo Silenziario possui variadas lacunas linguísticas. A omissão de "Repolhuda" é apenas uma entre as muitas que os excertos acima transcritos ilustram, e essa revela-se decapante na reprodução de uma estética queirosiana da ironia. Em causa, e tal como já acontecera com a personagem Topsius, está a descrição de uma personagem pitoresca, modelada e baseada numa certa ruralidade. Esta descrição de Filomena Raposo ganha maior relevância aos olhos do leitor, sobretudo quando as primeiras páginas de *A Relíquia* narram a história genealógica da família Raposo, que, e por conseguinte, se apresenta como possível explicação ilibatória do comportamento 'futuro' de Teodorico Raposo. Esta ideia está bem patente na paradoxal e cómica narração que Teodorico faz acerca da morte dos pais, colocando em confronto a religiosidade da família Godinho e o ateísmo da família Raposo:

"Eu nasci numa tarde de Sexta-Feira de Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. (...)

Depois, numa noite de Entrudo, o papá morreu de repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos." (Queiroz 1980, p. 3)

Filomena Raposo é parte integrante desta explicação e, se no texto de Amina di Munno o leitor fica a saber quem é esta personagem, na tradução de Silenziario a referência a essa limita-se ao nome.

Porém, nem só de omissões é feita a tradução de Paolo Silenziario. Há, como havia dito, lacunas linguísticas que os excertos evidenciam, por si só, bem exemplificadores do trabalho tradutológico levado a cabo por ambos os tradutores de língua italiana. E não me refiro, por exemplo, à opção de Amina di Munno em deixar em português os nomes próprios ou à de Paolo Silenziario os traduzir – "Rufino della Concezione", "D. Gaspere di Lorena" –, o que denuncia de certa forma o 'envelhecimento' da própria tradução, na medida em que

era ainda prática comum no início do século passado a italianização de nomes estrangeiros nas traduções. Estou a referir-me aos inúmeros decalques sintáticos e lexicais que Paolo Silenziario faz da Língua Portuguesa, constantes em todo o texto. “Mio nonno fu il padre Rufino della Concezione” (Queiroz 1913, p. 25) é paradigmático de um decalque sintático, pela construção frásica semelhante ao original português, evidenciada mormente pela colocação do artigo definido antes do substantivo<sup>44</sup>. Em “...scriveva per suo gusto nel Faro dell’Alemtejo” (Queiroz 1913, p. 25), ‘gusto’ é um decalque lexical de “gosto”, como se Paolo Silenziario tivesse vertido ou tivesse transvasado diretamente do português. Nem mesmo Amina di Munno consegue evitar decalques lexicais como “il San Giovanni” – mais natural a solução encontrada por Silenziario, “la festa di S. Giovanni” – nem de utilizar certos anacronismos linguísticos. Se ‘gusto’ é decalque de ‘gosto’, então ‘hobby’ (anglicismo) revela-se anacrónico, sobretudo se tivermos em conta que estamos na presença de um texto e linguagem oitocentistas. “... scriveva per diletto” poderia constituir uma alternativa válida na tradução de “...escrevia por gosto”. Uma vez mais, o que está em causa é a descrição irónica de uma personagem, Rufino da Assunção Raposo, no contexto de um dos romances queirosianos mais irónicos de sempre e que Mário Sacramento não hesita de incluir no, por si apelidado, “ciclo da ironia” e numa fase madura de Eça em que já tinha cessado no escritor “todo o movimento de evolução psico-estética” (Sacramento 1945, p. 227). Mário Sacramento sublinha que é esta a fase em que Eça coloca em prática, e na primeira pessoa, o máximo esplendor de uma estética da ironia:

“A Ironia, que se furtara, noutros tempos, ao serviço da Política (Farpas) e da Moral (Primo Basílio), vai confirmar o seu carácter de independência não servindo definitivamente ninguém – e servindo-se de todos e de tudo.

Três dos livros desta fase – *O Mandarim*, *A Relíquia*, *A Cidade e as Serras* (poderíamos incluir a introdução à Correspondência de Fradique Mendes) – são escritos na primeira pessoa.” (Sacramento 1945, p. 230)

Neste âmbito, a linguagem sugestiva de Eça, potenciada pelos diferentes usos do adjetivo, “uma das pedras mestras do estilo queiroziano” (Guerra da Cal 1981, p. 111), e o recurso a elementos de construção narrativa, fazem da prosa de Eça um manual de retórica e

---

<sup>44</sup> A respeito da função e do emprego do artigo definido em português Celso Cunha e Lindley Cintra especificam: “Na língua dos nossos dias, o artigo é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.” (Cunha, Celso et Lindley 1989, p. 214).

estética da ironia de consulta obrigatória, da qual *A Relíquia* é um exemplo extremo:

“Eça propõe-se, como é propósito à ironia, sugerir – e deixar-se-á elevar, nesse propósito, ao extremismo do sonho da Relíquia. Este sonho é, afinal, o centro de gravidade da obra, pela grotesca antinomia que estabelece com o restante corpo do livro.” (Sacramento 1945, p. 230)

Manter essa linguagem sugestiva queirosiana é tarefa extremamente difícil por parte de qualquer tradutor, pois Eça é um autor de excessiva complexidade e riqueza linguística na sua originalidade. A dificuldade tornar-se-á acrescida se a língua para a qual se traduzir o texto for a italiana, sensível do ponto de vista fonético-fonológico<sup>45</sup>, pese embora o facto de ser igualmente uma língua românica. Por exemplo, traduzir ‘enlapisado’ e ‘enguarda-solado’ respetivamente por ‘inmatitato’ e ‘imparasolato’ causaria nos ouvidos do leitor italiano uma certa cacofonia, para não falar nas implicações morfológicas que esses neologismos poderiam levantar. Portanto, e nas palavras de Eco, ocorre durante o processo tradutivo uma negociação – posterior à leitura e interpretação do texto de partida – que o próprio tradutor tem de desempenhar entre a cultura e a língua do prototexto e as do metatexto, de modo a atingir uma determinada fidelidade em todo o sistema comunicativo:

“Traduzir significa sempre ‘limar’ algumas das conseqüências que o termo original implicava. Neste sentido, ao traduzir, nunca se diz a mesma coisa. A interpretação que antecede todas as traduções tem de estabelecer quantas e quais das possíveis conseqüências ilativas que o termo sugere poderão ser limadas. Sem nunca se ter completamente a certeza de não ter perdido um reflexo ultravioleta, ou uma ilusão infravermelha<sup>46</sup>” (Eco 2005, p. 95)

Sob uma perspetiva geral, essa negociação teorizada por Eco obteve melhores resultados na tradução d’*A Relíquia* de Amina di Munno do que na de Silenziario. Nestas traduções foram inevitáveis

---

<sup>45</sup> Consulte-se a este propósito, e ainda sobre a problemática da ‘criatividade na tradução’ relativa à dificuldade em se traduzir alguns jogos de palavras possíveis entre o português e o italiano, o ilustrativo artigo de José Colaço Barreiros “*Para traduzir, não basta...*” (*Gianni Rodari e a Gramática da Fantasia, Babilónia* (n.º 4), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2006, pp. 151: 163.

<sup>46</sup> “Tradurre significa sempre ‘limare via’ alcune delle conseguenze che il termine originale implicava. In questo senso, traducendo, *non si dice mai la stessa cosa*. L’interpretazione che precede ogni traduzione deve stabilire quante e qual delle possibili conseguenze illative che il termine suggerisce possano essere limate via. Senza mai essere del tutto certi di non aver perduto un riverbero ultravioletto, un’allusione infrarossa.” (Eco 2010, pp. 93-94)

alguns resíduos verbais, frutos dessa mesma negociação; teriam sido evitáveis, porém, algumas omissões e decalques que colocam em causa não só a interpretação do romance, mas também o deleite de toda uma estética queirosiana. Porque Topsisus e Filomena Raposo são muito mais do que meros companheiros de viagem e colegas de trama de Teodorico Raposo.

## BIBLIOGRAFIA

- Aiken, Alison (1998). Eça in English Translation: some treasures and some travesties. *Portuguese Studies*. 14, pp. 92-103
- Barreiros, José Colaço (2006). Para traduzir, não basta... (Gianni Rodari e a Gramática da Fantasia). *Babilónia*. n.º 4, 151-163. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Cunha, Celso. Cintra, Lindley (1989), Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa. pp. 207-245.
- De Marchis, Giorgio 2011, La cugina – um romance diabólico de Eça de Queirós, Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração. n.º 18/19/20. 29-39.
- Dias, Eduardo Mayone (1991, Jul). De como Eça foi assassinado em Espanha: as primeiras traduções queirosianas. *Revista Colóquio/Letras*. n.º 121/122. 131-141.
- Eco, Umberto (2005). Dizer quase a mesma coisa. Algés: Difel, Algés.
- Eco, Umberto (2010). Dire quasi la stessa cosa. Milano: Bompiani.
- Guerra da Cal, Ernesto (1981). Língua e estilo de Eça de Queiroz : elementos básicos. (4ª ed.) Coimbra: Almedina..
- Luzes, Pedro (2000), A Relíquia: do Realismo/Naturalismo a uma estética da imperfeição". Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz, Lisboa: Caminho, Lisboa, 561-573.
- Matos, A. Campos 1988, Dicionário de Eça de Queiroz. Lisboa: Editorial Caminho.
- Munno, Amina di (Dez. 94/Julho de 1995). A fortuna de Eça de Queirós em Itália no decorrer de um século. Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração. Número 7/8, 23-29.
- Queirós, José Maria Eça de (1955). La reliquia, (a cura di P. A. Jannini) in *Pagine della Letteratura Portoghese*, Milano: Nuova Accademia Editrice, Milano. 285-289.
- Queirós, José Maria Eça de (1988), La reliquia (a cura di Amina di Munno). *Classici del Ridere*. Roma: Lucarini Editore.
- Queirós, José Maria Eça de (2012), The Relic: A Novel. (translated by Aubrey F. G. Bell). University of Massachusetts-Dartmouth: Tagus Press.
- Queiroz, Eça de (1980). A Relíquia. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Queiroz, Eça de 1913, La reliquia. (prima traduzione italiana di Paolo Silenziario; con una notizia di Luigi Siciliani). Lanciano: Editore Rocco Carabba. 2 voll., I: 150 pp., II: 144 pp.
- Queiroz, Eça de (1994), The Relic. (translated by Margaret Jull Costa), United Kingdom: Dedalus Ltd.
- Reis, Carlos (2009). Eça de Queirós. Lisboa: Edições 70.
- Ríos, Vera Maria Monteiro de Souza (2009, Ano III). Traduções da Obra de Eça de Queirós na Espanha, Interação, Revista Científica da Faculdade das Américas, número 1, (disponível em: <http://www.fam2011.com.br/site/revista/pdf/Ed4/art1.pdf>) .
- Rio-Torto, Graça (1998). Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral", Morfologia derivacional: teoria e aplicação no português, Porto: Porto Editora. 109-132.

Russo, Mariagrazia (2007). Note traduttologiche queirosiane. Tra Centro e Periferia, In-torno alla lingua portoghese: problemi di diffusione e traduzione, Viterbo: Sette Città. 127-145.

Sacramento, Mário 1945, Eça de Queirós: uma estética da ironia, Coimbra Editora, Lta., Coimbra.

Santana, Maria Helena (2009, 3-5 de Dezembro). Topsius, Teodorico e Fradique: os usos modernos da religião. Colóquios Internacionais de Tormes: Os Estudos Queirosianos – Desafios Actuais. Tormes: Fundação Eça de Queirós.